

ANC

Anc x

Ulysses diverge de Sarney e diz que mandato está indefinido

Da Sucursal de Brasília

O deputado Ulysses Guimarães, 71, presidente do PMDB e do Congresso constituinte, discordou ontem do presidente José Sarney, que considera concluído o debate sobre a duração de seu mandato. Embora Sarney tenha dito antontem que o Congresso constituinte "já decidiu" pelos cinco anos, Ulysses afirmou que uma decisão "conclusiva depende do plenário, que pode apoiar ou rejeitar" esta proposta.

"Enquanto o plenário não se manifestar, não se pode ter o assunto concluído", disse Ulysses, durante a festa de casamento da filha do ex-deputado Israel Pinheiro Filho. Mesmo admitindo "possibilidades de mudança (de voto) até a última hora", Ulysses disse que todos os constituintes que deram apoio para a emenda do deputado Matheus Iensen, que fixa um mandato de cinco anos, refletiram muito sobre o tema.

"Essa foi uma emenda que os deputados discutiram muito. As pessoas que assinaram, verificaram seu alcance e repercussão", afirmou Ulysses. Cauteloso com as palavras, acrescentou, em seguida, que sempre há possibilidade de arrendimento. "Poder mudar, pode", disse.

Inversão

Ulysses deixou transparecer sua concordância com a proposta de antecipar as votações sobre a duração do mandato e sistema de governo. "Sou favorável a tudo que venha a facilitar (o andamento da Constituinte) mas não quero sobrepor minha vontade pessoal", afirmou.

Iensen vem defendendo a antecipação das votações, mas a maioria dos coordenadores do Centrão é contra a proposta. Pelo regimento interno do Congresso constituinte, a votação dos títulos deve seguir a ordem cronológica estipulada no projeto da nova

Constituição. Assim, o sistema de governo será decidido no quarto título, enquanto a duração do mandato presidencial será um dos últimos assuntos a ser votado, pois integra o título final.

Apenas com a concordância de todos os líderes partidários, é possível a inversão de pauta dos trabalhos constituintes. O senador Mário Covas (SP), líder do PMDB no Congresso constituinte, defende a idéia e tenta conquistar adesões. As lideranças do PDS, PFL e PC do B são contrárias.

Acordo na Constituinte

Antes de ir ao casamento, Ulysses reuniu-se com o deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM), relator da nova Constituição, por quase uma hora. Animado com o andamento do trabalho do relator e de seus adjuntos, Ulysses vai se empenhar para acelerar o processo de votação da nova Constituição. "Quando houver discrepâncias, vou promover encontros entre as lideranças para reduzi-las e tentar um acordo", disse Ulysses.

A principal estratégia para a formulação destes acordos é a possibilidade de fusão de emendas que tratam de um mesmo assunto. Ulysses conversou também sobre o grande número de coincidências entre o projeto aprovado pela Sistematização e o apresentado pelo Centrão.

Segundo ele, 85% dos textos são iguais. A consequência natural destas coincidências é a aceleração do processo de votação. "Vamos trabalhar com rapidez e sem delongas", disse Ulysses, que pretende submeter a voto num único bloco todos os assuntos consensuais.

Ainda para discutir a votação e facilitar acordos, Ulysses se encontra, na próxima quarta, com os governadores Alvaro Dias (Paraná), Pedro Ivo (Santa Catarina) e Pedro Simon (Rio Grande do Sul), em seus respectivos Estados.



O presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, e o senador Afonso Arinos (dir.), durante almoço oferecido pelo deputado Israel Pinheiro Filho, em Brasília

Toada insossa e ziguezague para boi dormir

ANDRÉ SINGER

Secretário de Redação

O deputado Ulysses Guimarães mostra-se profundamente coerente em sua incoerência. Ao declarar ontem que só o plenário do Congresso constituinte poderá decidir a duração do mandato de Sarney, um dia após o presidente dizer no rádio que o assunto já estava resolvido, Ulysses repete o comportamento que vem tendo desde maio do ano passado. Ora se inclina pelos quatro anos, ora pelos cinco, e assim irá até o fim.

Os motivos são simples. Aliás, são os mesmos que levam a nova dupla sertaneja de sucesso na política nacional — Orestes e Guimarães — a entoarem a toada, conhecida como "o ziguezague do mandato". Ambos querem ser candidatos a presidente da República. Já perceberam que será ruim começar uma campanha com a pecha de candidato que apoiou os cinco anos para Sarney. Mas os dois têm medo de assumir a bandeira dos quatro anos e pagar as consequências do gesto. Quêrcia porque depende das verbas federais para dar

andamento à sua gestão neopopulista em São Paulo. Ulysses porque não quer sair de vez do governo e dar ao PMDB uma feição oposicionista, o famoso temor da radicalização.

Ulysses está certo, e Sarney errado, ao dizer que só o plenário do Congresso constituinte vai decidir sobre o mandato. E o que nos sobra de transição democrática, e por isso não é pouco. Mas poderia ser melhor. E verdade que qualquer democracia é melhor do que nenhuma. Mas a democracia que vai sair dessa transição será o resultado direto dessas

toadas insossas e será ela também insossa, indefinida, ziguezagueante, em cima do muro.

A menos que sobrevenha algum raio em céu azul, o país chegará à definição do mandato de Sarney nos próximos meses nesse chove-não-mo-lha, de quatro, cinco, quatro, cinco. O pior é que quando chover só não vai se molhar quem estiver abrigado nos palácios onde essas canções de gosto duvidoso estão sendo entoadas. E como se sabe os palácios são pequenos demais para abrigar todos os que deveriam participar dessa dança.

Luiz Marques